Data: 23.11.2013
Titulo: Portugal, o santuário mundial da biodiversidade da vinha
Pub: PÚBLICO Fugas
Tipo: Jornal Nacional Diário
Secção: Nacional
Pág: 44;45;46
Área: 1476cm²/ 52%
Tiragem: 72.253
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 4681561

Castas
Projecto Porvid

Portugal, o santuário mundial da biodiversidade da vinha

Um conjunto de factores favoreceu a manutenção, em Portugal, de centenas de castas de vinha autóctones, cada uma delas com um grau de variabilidade bem acima do que acontece nos países que foram apostando em clones de meia dúzia de castas na moda e muito produtivas. Um grupo de cientistas vem estudando o potencial desse património genético, que, diz o rosto deste projecto, pode tornar o país numa Meca da viticultura. *Abel Coentrão (texto) e Tiago Machado (fotos)*

Chegámos atrasados a quase tudo. Às Luzes, à Industrialização, à Democracia. Portugal, um pequeno país teimosamente agarrado à cauda da Europa tem um pequeno segredo mal guardado que o anda a pôr nas bocas do mundo que tem boca para um bom vinho como um país de vanguarda, a anos-luz dos restantes países vinícolas do planeta. Na revista *World of Fine Wine* já lhe chamaram Arca de Noé da biodiversidade da vinha. Antero Martins, sumidade na área da genética quantitativa aplicada ao melhoramento de plantas, ou mais simplesmente um dos "Noés" desta história, prefere pensar que estamos a caminho de nos tornarmos uma espécie de "Meca do Vinho". Mas porquê tanta excitação?

A culpa é do tal atraso. Em parte, pelo menos, concede o responsável pela Investigação da Sogrape, António Graça, outro dos envolvidos na recém-criada Associação Portuguesa para a Diversidade da Videira (Porvid), que desde 2009 prossegue, agora de uma forma institucional, os esforços de identificação e preservação da biodiversidade destas plantas iniciados há 35 anos por um trio de "carolas", o já referido Antero Martins, do Instituto Superior de Agronomia, da Universidade de Lisboa, Nuno Crespo, da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e Luís Carneiro, da Estação Agronómica Nacional. O seu esforço permitiu identificar, no nosso país, 250 castas autóctones (no território que pode ser o da península), muito para lá das dezenas utilizadas, pelos produtores. E o número já peca por defeito porque, nas análises genéticas mais recentes, se percebeu que plantas que se pensavam ser apenas uma variante (genótipo) dentro da casta, são afinal castas diferentes. O que vai, de certeza, engrossar a lista deste património.

Quando o mundo se rendia a vinhos estremes, feitos a partir de

Data: 23.11.2013
Titulo: Portugal, o santuário mundial da biodiversidade da vinha
Pub: Público — PÚBLICO Fugas
Tipo: Jornal Nacional Diário
Secção: Nacional
Pág: 44;45;46

clipping consultores

Área: 1476cm²/ 52%
Tiragem: 72.253
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 4681561

meia dúzia de castas francesas, plantadas nos quatro cantos do globo; quando viveiristas e agricultores de outros países seleccionavam eugenisticamente, por elimininação, castas, e plantas (genótipos) dentro das castas com as melhores características para responder ao mercado, cada vez mais global mas, em contraponto, a estreitar o gosto, Portugal estava ainda a acordar do longo sono salazarista, que o manteve fechado, e não apenas à Coca-Cola. Por cá mantinham-se tradições como as dos vinhos de lote, com mistura de castas, muita vinha velha por arrancar - alguma até pré-filoxérica, como os mortórios do Douro - e técnicas culturais que favoreciam o acaso em vez da selecção e, que, por isso, mantiveram uma parte importante da biodiversidade do país, o único que tem cem por cento do território numa qualquer região demarcada, lembra António Graça.

Pode parecer contraditório, mas este atraso acertou o nosso relógio com o do planeta, que já reconhecia a importância da biodiversidade nesses finais de 70, em que, gastando horas fora das aulas e fins-de-semana, Martins e seus pares puseram pés ao caminho. Numa abnegação que ainda hoje os mantém, apesar de jubililados, ainda ligados ao projecto, conseguiram, em pouco tempo, criar uma rede informal: com as direcções regionais de agricultura e algumas empresas, que perceberam desde logo a importância de participar nesta missão de recolha, estudo, selecção e - note-se a diferença - preservação das variedades genéticas da vinha portuguesa. Em poucos anos, dezenas de quintas por esse país fora acolheram campos experimentais e viveiros onde esse património foi mantido.

Agora, depois de o Estado ter cedido em 2009 à Porvid parte de uma herdade em Pegões, na Península de Setúbal, nada longe de propriedades e da adega de sócios como a José Maria da Fonseca ou a Cooperativa de Santo Isidro de Pegões, entre outros, as plantas estão todas a caminho de uma nova casa. Milhares

As grandes nações do vinho

já começam a replicar o modelo português, mas levam um atraso de décadas na recolha de dados

delas já foram instaladas (em vasos) e vai-se preparar mais terreno para guardar 50 mil genótipos das tais 250, ou mais, castas portuguesas, mesmo ao lado de uma área de 80 a 100 hectares onde uma parte importante dessa variabilidade vai ser enxertada e posta a produzir, para análise comparativa.

A necessidade de guardar um tão elevado número de espécimes é facilmente percebida se soubermos que, nas mais de 60 castas já bem estudadas ao longo destes anos, há exemplos de uma diversidade intra-casta impensável noutros países, que andaram a deitar essa variabilidade ao lixo. Se o Riesling alemão se faz praticamente só de um clone, do ▶

Alvarinho, há 530 genótipos diferentes conhecidos, com diferentes consequências na produção, compara Antero Martins. Aliás, foi depois de estudada a variabilidade interna da Touriga Nacional, um dos primeiros alvos da atenção do projecto, que o sector conseguiu descobrir e seleccionar genótipos que, com ganhos superiores a 30%, resolveram o problema da baixa produtividade e da desconfiança com que esta grande casta portuguesa era encarada, na década de 70, pelos produtores do Douro.

O estudo aprofundado da variabilidade dentro de cada casta foi um dos grandes avanços do projecto e Antero Martins insiste sempre em associá-lo à entrada em cena de uma sua assistente, Elsa Gonçalves, que o ultrapassou - e ele di-lo com o gosto de quem não quer ficar com o conhecimento só para si - na capacidade de pôr a estatística, e a informática, ao serviço da genética quantitativa. Graças a este aporte, já reconhecido no meio científico internacional, a equipa conseguiu, para mais de seis dezenas de castas, identificar as suas variantes internas e o comportamento de cada uma, independentemente de factores ambientais, em parâmetros como a produção, a acidez, o açucar (importante para o teor alcoólico) e as antocianas (pigmentos responsáveis pela cor escura do vinho tinto).

Não é difícil imaginar a utilidade deste conhecimento para a vitivinicultura portuguesa. E há casos concretos em que ele já resolveu problemas, explica António Graça. Já se percebeu por exemplo que a tinta-roriz, muito apreciada, entre outros aspectos, pela cor que imprime aos vinhos, perde, precisamente nesse aspecto, a partir de um determinado patamar de produção, potenciado por condições ambientais favoráveis. Perante isto, tem sido feito um esforço de enxertar as novas vinhas com genótipos menos "produtivos", mas que garantem a qualidade máxima pretendida. António Graça, tal como Antero Martins, antevêem o que isto, multiplicado por todo o nosso parque de castas, significa, em termos de competitividade, para o país, numa altura em que são visíveis os efeitos das alterações climáticas.

Antevendo o risco, é o homem das empresas, António Graça, quem mais toca, na conversa com a FUGAS, na questão ambiental. Mas Portugal está a construir, com o projecto da Porvid, a capacidade de escolher, a cada momento, as vinhas que melhor se adaptam, por exemplo, à subida da temperatura ambiente, rejubila. Já Antero Martins foge da sua genética quantitativa para fazer notar que estaremos preparados para responder a outro

Data: 23.11.2013
Titulo: Portugal, o santuário mundial da biodiversidade da vinha
Pub: PÚBLICO Fugas
Tipo: Jornal Nacional Diário
Secção: Nacional
Pág: 44;45;46

clipping consultores

Área: 1476cm²/ 52%
Tiragem: 72.253
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 4681561

tipo de desafios, como o das modas, o gosto. Se hoje se produzem vinhos com teores de álcool bem acima dos 12,5 graus que eram habituais há umas décadas, nada nos diz que os vinhos de baixo teor alcoólico, para os quais hoje já há algum mercado, não se tornarão um *trend*. E, se for necessário, nós saberemos dar resposta a essa demanda, vinca.

Apesar de ir dizendo que gostava de ser mais reformado do que é - e desconfiamos que não conseguiria manter-se muito longe do campo experimental de Pegões, que nos mostrou com orgulho - Antero Martins não esconde a satisfação pelo reconhecimento que o projecto vem tendo por esse mundo fora, nas revistas especializadas e em congressos do sector. As grandes nações do vinho já começam a replicar o modelo português, mas levam um atraso de décadas na recolha de dados. E "o projecto de Pegões é para mais 50 anos", nota António Graça. O seu sucesso pleno está no entanto dependente da entrada de mais dinheiro - por via das quotas de mais associados, mecenas, apoios estatais e fundos europeus - que garantam uma estabilidade financeira que esta luta pela biodiversidade no sector ainda não teve.

Se nunca houve muito dinheiro, o esforço valeu-lhes, pelo menos, alguns "brindes". Com o estudo aprofundado da variabilidade dentro de cada casta, os portugueses começaram a ter dados concretos sobre o caminho que cada uma delas seguiu, desde um ponto de origem. Esse ponto, como noutras espécies vegetais, é aquele em que a variabilidade da planta é maior (porque foi necessário mais tempo para a conseguir). É o contributo luso para a história desta cultura milenar. Que não traz boas notícias para todos. Rioja ficou a saber, pela Porvid, que o seu Tempranillo (a nossa Tinta Roriz ou Castelão, no sul) não surgiu por ali, como pensavam, mas na zona de Valdepenãs, a sul de Madrid. Já a casta forte da Bairrada, a Baga, terá afinal surgido no Dão. E a Jaen, famosa nesta região, tem aqui tão pouca variedade que o mais certo é ser muito recente nesta zona do país, indiciando outra origem.

Depois, ao longo destes anos, ao calcorrear o país, os investigadores foram percebendo também que Portugal é um santuário da Vitis silvestrys, a planta silvestre que há milhares de anos foi domesticada pelo homem para se tornar nas videiras que hoje conhecemos. Há mais de 150 núcleos destas vinhas e, assinala António Graça, só nos faltará encontrar algum vínculo arqueológico para podermos, quem sabe, pôr em causa a teoria que coloca no médio Oriente o nascimento da cultura do vinho. Já há na Europa quem defenda a tese da origem múltipla, e Portugal está muito atento a esse debate, que, como a questão da biodiversidade, do uso de castas raras e desconhecidas, pode gerar dividendos económicos se, como insiste António Graça, formos capazes de "comunicar, comunicar, comunicar isto lá fora".

Já este ano, a Porvid associou-se a um projecto, com origem em França e ambições Globais, a *Wine Mosaic*, que luta pela promoção das castas antigas do mediterrâneo, como aquela, quase extinta, que é cultivada por um italiano na Toscana e que, se não vende nada no seu país, teve sucesso em Hong Kong e no Japão, segundo a *Wine Spectator*. "É que, sabe, eu acho que no vinho, mais do que o que está lá dentro, muito do que se vende é cultura, é a sua história, o trabalho que implicou", acrescenta o presidente da Porvid, Antero Martins, convicto de que Portugal terá muito a ganhar com as dezenas de hectares de vinha, amostra complexa, e completa da nossa biodiversidade, que ele espera ver plantados, e continuamente estudados, em Pegões. Numa herdade prestes a tornar-se o novo santuário da viticultura portuguesa.

Foi depois de estudada a Touriga Nacional, um dos primeiros alvos da atenção do projecto, que o sector conseguiu descobrir e seleccionar genótipos que resolveram o problema da baixa produtividade